

IMPRONUNCIALISMO: «o que é», «onde está», «o que persegue», e «o que muda no pensamento e no fazer humano»?

[os 31 parágrafos dos Painéis 1, 2, 3, 11, 12, 23 e 24 da Exposição IMPRONUNCIA]

23 abril 2018
Jardim Botânico | Oficina Žylėch
Lisboa

PAINEL 1: 6 parágrafos

1.1 – O **Impronuncialismo** não se consegue *Dizer*. É um *Fazer* impronunciável.

1.2 – Está no *território preambular* que antecede o “impulso”, o “instinto”, o “inconsciente”, ou a “memória”. Num sítio *antes de qualquer formalização* (signo, número, coisa, objeto, estrutura, sistema, linguagem, narrativa, codificação), portanto, *antes de qualquer teleonomia* (motivo, desejo, “guide”, “trieb”, “begierde”, “wunsch”, “identidade”, “programa” ou “hábito”). Um sítio e um estado ou, muito próximos dos de onde derivou Tudo (coisas, objetos, substâncias, matérias, eventos, fenómenos, formas, luz, vazio, “nada”) e de onde Tudo se pode fazer e refazer; ou, quiçá, coincidente. É daí, desse sítio-estado, que decide e perpetra a sua teleonomia e o seu Fazer.

1.3 – A teleonomia (τέλος) do **Impronuncialismo** é a «propriedade SAP2i» (acrónimo de «Singularidade Autónoma Perpétua Insolúvel e Indecomponível»). É isso que persegue. Nesse momento o Uni-verso passaria a ser Di-verso (um em cada «SAP2i»). Logo, uma teleonomia diferente das de Platão (Fédon), de Aristóteles (Metafísica e Ética a Nicómaco), das Escolásticas, das “Adaptativas, Naturalistas e Aleatórias” (darwinistas), das “cibernéticas e sistémicas” (N. Wiener, E. Morin), das cinco de E. Mayr, das “Intersubjetivas, Sociologistas e Relacionais” (Habermas, Rawls), das “Inteligentistas, Divinas e Externas”, e outras.

1.4 – O **Impronuncialismo** mostra que só através da *Transformação* daquilo que hoje designamos por «Corpo do Ser-humano» (o corpo-macaco do homínídeo dito *Homo sapiens sapiens*) se pode alcançar essa *propriedade SAP2i*. Esta é a razão do seu nome. Porque para poder ser dito (pronunciado) era preciso que estivéssemos lá, nesse lugar-transformado, ao qual ainda não chegámos. Seremos isso que ainda não somos. Ora isso é impossível antes. Logo, não se pode pronunciar daí, desse lugar que ainda não nos aconteceu. Apenas imaginando-o o podemos conceber. Esse é o seu *tipo de Fazer*. O **Impronuncialismo** mostra que a pergunta «O que é o Ser-humano?» já é, em si mesma, o resultado de um Fazer (impronunciável) anterior à resposta. Já houve uma *transformação*, mesmo que aí, nesse momento da formulação (pronuncia, formalização) aparentemente nada aconteça. A pronuncia e a formalização já são um

produto do Fazer Impronunciável. São a prova de que existe.

1.5 – A visibilidade da *teleonomia SAP2i* ocorre no momento em que há uma reprogramação/re-criação do *Corpo do Ser-humano*. Ao ser conseguida, constitui o momento em que o Anterior se liberta do que era e se transforma no *Corpo-do-Ser seguinte* – ou na etapa seguinte da viagem ao *mesmo Ser que sempre foi e lá esteve* (mas nesse caso, o impasse entre Parménides e Heraclito deixa de fazer sentido). Logo, nesse caminho de nada serve o “espelho”, a linguagem, ou o mimetismo.

1.6 – O **Impronuncialismo**, sendo isso e estando aí, intervém nas condições epistemológicas inerentes ao próprio processo de Conhecimento, e à própria condição ontológica do Ser-aqui-e-agora. Cria uma *premissa exterior* ao sistema que se é (quer ao «corpo-metabolismo» quer ao «corpo-que-pensa») permitindo a leitura (consciência) e a reprogramação/recriação.

PAINEL 2: 4 parágrafos

2.1 – O **Impronuncialismo** deduz a necessidade de *Transformar* (re-programar, re-substanciar, re-criar) a Natureza/Mundo para se alcançar a «*propriedade SAP2i*». Isso implica, simultaneamente, a necessidade de *Transformação* do «corpo do Sujeito que pretende Fazer, Conhecer, e Compreender». Tal como já podemos observar, em pequena escala, por exemplo, nas dendrites após um processo de aprendizagem.

2.2 – *Transformação* é aquela “espécie de movimento” que Aristóteles discerniu como sendo diferente das outras cinco, na explicação do Aforismo 97 das Categorias (Κατηγορίαι) no Organon (ὄργανον). O fenómeno que mostra o limite de toda a Lógica que «fragmenta para Compreender». Porque, o que «torna decidível a proposição G de K. Gödel (1931)» (logo, de todos os Sistemas/Conjuntos/Instituições/Coisas que de si próprias afirmam que são indemonstráveis, senão recorrendo a uma premissa que lhes é exterior e inexplicável) é «aquilo que o sistema não é», «aquilo que será após Transformação». A busca de compreensão do sentido de si próprio e da sua existência por parte do Ser-humano (ou de qualquer outro *sistema formalizado*, por exemplo, «sociedade», «cultura» ou outro) está sujeita a este constrangimento retroactivo sempre que essa compreensão seja uma tentativa de Formalização.

2.3 – O **Impronuncialismo** não coloca no mesmo plano/nível a espécie «Compreensão» e as espécies «observação, descrição, interpretação, explicação». Nesse momento do Compreender não há separação entre sujeito e objeto, observador e observado, partícula e fluxo (“wave”). Logo, o **Impronuncialismo** contribui para resolver esse impasse no debate Hermenêutico.

2.4 – No **Impronuncialismo**, Conhecer é um *modo de Agir*. E Compreender é *uma forma de Ser* – não é uma observação, descrição, interpretação, ou explicação. Compreender pode ser, ou não, uma «Coisa que o Ser quer ser». Porém, se quiser prosseguir em direção à «*propriedade SAP2i*» será obrigado a *transformar-se*, e a quebrar o programa genético (codificação) que «o obriga a ser» e a «compreender» do modo como o faz agora. Seja como for, é sempre «um estado (situs) por que se tem que passar», sempre uma reação estabelecida com «a Coisa que se quer

Compreender». Que, nalgum local ou parte do Ser, ou o obriga a reestabelecer a intrincação (“entanglement”); ou o obriga a estabelecer uma nova ligação física.

PAINEL 3: 4 parágrafos

3.1 – O **Impronuncialismo** interroga a Compreensão. E convoca outros modos de Compreender não totalmente baseados na Diferença (sinais de distinção). Isto é, aqueles que são baseados na *decomposição do Real em signos e sinais diferenciais-distintivos*, e que fizeram predominar o cálculo diferencial e integral.

3.2 – Constata que o atual sistema perceptivo-sensorial-cognitivo humano foi construído na base deste Limite, e o seu funcionamento depende dele. Ter consciência disso nada altera, mas permite agir sobre esse limite. Constata que o Ser-humano é capaz de pensar o “Todo”, o “Uno”, ou a “Totalidade” (G. Bruno, F. Schleiermacher, a Sistémica, *et alli*) mas só consegue agir por “Partes”. Constata que se tem consciência de que há um Fazer que antecede a Codificação, o Dizer, o Pensamento, o Sentido, os Significados, a Linguagem, a Sistematização, ou qualquer Formalização. O **Impronuncialismo** não está condenado ao “Indefinido”, ao “Nada”, ou ao “Vazio”; nem ao “inexprimível” e ao “silêncio” wittgensteineano; nem às teleonomias morais e éticas de Aristóteles, Kant, MacIntyre; ou a outros «programas e software *a priori*».

3.3 – *Compreender* implica abdicar da convenção “passado-presente-futuro” (Agostinho de Hipona). Implica abdicar dos sinais-de-Diferença e do seu impacto na nossa percepção e no nosso cérebro, que obriga a uma concepção fragmentada da Realidade (ou seja, a vê-la composta de formas, coisas, coleções, objetos, partículas ou substâncias). *Compreender* implica abdicar do tradicional Princípio da Causalidade; e da obrigação de separar, a priori, o Antes do Depois, o Diferente do Igual, o Tudo do Nada, o Diverso do Mesmo, o Exterior do Interior, o Sim do Não, o 0 do 1, o Verso do Anverso, enfim, de abdicar da própria Diferença. Compreender implica ir para além da prisão da «Luz» (ou do “Vazio”, ou do “Nada”) até à «Coisa que se esconde nela, e se começou a multiplicar», possibilitando separar Juízo de Evidência. *Compreender assim*, sem essas barreiras, será, lógica e intuitivamente, anular a diferença entre Sujeito e Objeto, Observador e Observado, ou mesmo entre Partícula e Fluxo.

3.4 – O caminho implica transmutarmo-nos a nós mesmos (lá, onde de facto somos) na matéria e energia do que queremos compreender. Pormo-nos no lugar (*ubi*) disso, e no seu estado (*situs*), mesmo que apenas numa parte ou noutra escala (Física). Só assim lá chegaríamos. Então, *Compreender* será impossível sem a experiência de nos conseguirmos *transformar*, a nós mesmos, nem que por breves momentos, na Coisa.

PAINEL 11: 2 parágrafos

11.1 – O **Impronuncialismo** permite comunicar «*aquilo que não se deixa pensar*», e «*aquilo que não se deixa exprimir por signos*». Aquilo que a capacidade de pensamento não consegue pensar nem dizer. Convoca e põe a funcionar «outras capacidades».

11.2 – O **Impronuncialismo** não está aprisionado na estrutura de uma qualquer Linguagem primordial. Vai, portanto, num sentido diferente de Wittgenstein (Tractatus Logico-philosophicus, original de 1914-1918, traduzido em 1961 e 1987) quando afirma que “aquilo que não conseguimos pensar é inexprimível” (5-61 e 6-522) e nos remete para a inevitabilidade do “silêncio” (6-54). Logo, também, em ruptura com a “indecidibilidade” de K. Gödel (1931), e com a analogia com o “paradoxo da existência humana” sugerida por P. Watzlawick *et alli* (1967). O **Impronuncialismo** não é essa desistência perante o Real, em que nada haveria a Fazer perante os limites do “Eu narrativo” e perante uma pretensa inviolabilidade da Lógica, que preencheria o Tudo e o Limite, irremediavelmente fechada sobre si própria, que procuraria incessantemente (num jogo sem fim, como no Estruturalismo) hierarquias e níveis cada vez mais gerais, como referiu Bertrand Russel no Prefácio do Tratado Lógico-Filosófico (“Tractatus Logico-Philosophicus”, 1961, Routledge and Paul Kegan). O **Impronuncialismo** vai, ainda, num sentido diferente de F. Gil (“Tratado da Evidência”, 1996). Pois no **Impronuncialismo** não se trata de preencher aquilo que faltaria ao Ser-humano existente aqui-e-agora; mas de *transformá-lo* «noutro existente» conferindo-lhe a «propriedade SAP2i», independentemente de chegar a ser “absoluto” ou não. Logo, o **Impronuncialismo** também vai num sentido diferente de J. Lacan, pois não se trata de “preencher o que falta” para o Ser atingir um “Outro” ou um “Real” concebido como o “Existente absoluto”, até alcançar uma “Totalidade”, em que todo o espaço-tempo lhe era coincidente e constituiria o seu próprio Limite (o Tudo). Mas de construir apenas uma «Coisa Nova» – uma Singularidade (a «SAP2i»). No **Impronuncialismo** trata-se, até, de romper com esse “Absoluto” dado *a priori* e *a posteriori*; e também com essa pretensa “ansiedade” de Lacan enquanto motivo do Agir, substituindo-o por uma teleonomia muito mais construtivista e transformista (re-criadora) em que não existe qualquer “efeito de espelho” que a possa guiar. Excepto, talvez, uma “estrutura da Relevância” (Painel 21) codificada na memória de longo-prazo (ou numa memória artificial e externa no Futuro). O **Impronuncialismo** também vai num sentido diferente de Descartes, de uma linguagem aprisionada na “questão «cartesiana» do signo (*index sui et veri*)”; que mais tarde, em 1949, haveria de reduzir a linguística e a comunicação a um “modelo matemático e telegráfico” com C. Shannon e W. Weaver; que a “Comunicação não-verbal” e a “Nova Comunicação” de Palo Alto tentaram resgatar.

PAINEL 12: 3 parágrafos

12.1 – O **Impronuncialismo** fala a partir de um local conhecido de Todxs; um sítio não-metafísico e não-místico, que não tem sido levado a sério como Especificidade e Coisa.

12.2 – De facto, tal como o próprio Descartes confessou, no seu “*Discurso do Método para conduzir a Razão e procurar a Verdade através da Ciência*”, obra basilar do Positivismo e do Realismo, publicado em Leiden em 1637, **nasceu de um sonho** que teve na noite de 10 para 11 de novembro de 1619. E Darwin, na sua autobiografia (1887), também confessou que a sua teoria da evolução não era senão um «**argumento**». E Einstein afirmava constantemente que «50% da física era **imaginação**», e que o movimento das partículas que pensou, eram *imagens mentais criadas conscientemente*, para depois serem calculadas e expressas em equações.

12.3 – “(...) *É o poder de ter no espírito um ‘objecto’, mesmo que esse ‘objecto’ não esteja lá na sua presença física que chamo ‘representação’.* Somente a ‘representação’ tem a propriedade de ser sempre uma nova versão de qualquer coisa, quando deixamos de ter a possibilidade de conhecer o modelo real a partir do qual a «cópia» ou a nova versão foi construída.” (A. Green, 1989, a propósito de Freud, em “A Ideia de Simetria”, p.212). Logo, considerando a topologia do **Impronuncialismo** (Painel 9), esse “espírito” e esse “objecto” estão antes do Instinto, do Inconsciente, e do “Real” (de Lacan, e de outros); não são uma “estrutura” ou uma “linguagem”, tal como o **Impronuncialismo** demonstra no Painel 17. E tantos outros exemplos.

PAINEL 23: 6 parágrafos

23.1 – O **Impronuncialismo** deduz a existência de um «corpo-do-Ser-humano» na escala de Planck (ou menor), diferente do «corpo anatómico-proteico-biomolecular» atualmente designado por «corpo humano».

23.2 – Cujo Comportamento recorre a um processo quase-computacional ainda desconhecido, mas que vemos gradualmente exteriorizado (IA) e ensinado/transferido para máquinas/robots/outros-corpos: Cujo *programa* usa preferencialmente duas ferramentas/instruções: «à *imagem e semelhança*» (auto-catálise e transformação) e «*conhece-te a ti mesmo*» (auto-organização e teleonomia). Provocando, por isso, uma replicação e expansão permanentes. Mas também *outras alternativas* inteligentes/cognitivas para perseguir a Continuidade (adaptação/sobrevivência) em *outros corpos* diferentes do atual «corpo humano».

23.3 – Logo, para o **Impronuncialismo**, o objeto da ANTROPOLOGIA consiste em discernir o Programa (software) e respetivo Corpo (hardware) que manipulam o robot bioquímico-proteico-molecular designado atualmente por «corpo-humano» (isto é, o «corpo anatómico dos indivíduos da sub-espécie *Homo sapiens sapiens*). Ou seja, considerar o comportamento do corpo-anatómico como o resultado de uma ordem/instrução vinda de um processo quase-computacional originado num diferente «Ser-humano» que habita esse corpo anatómico numa escala (*ubi*) e estado (*situs*) diferentes. É através da lógica como o «Ser-humano» comanda e programa o «corpo-humano» que verdadeiramente se poderá discernir aquilo a que a Antropologia chama «Ser-humano». Portanto, uma perspetiva completamente diferente das antropologias que confundem «corpo-humano» com «Ser-humano».

23.4 – Assim sendo, o **Impronuncialismo** formula as seguintes perguntas: Qual é a Coisa físico-química capaz de reagir internamente de modo a alcançar a propriedade denominada “Ser-humano”? *Reagir* não é mais transformar-se e re-substanciar-se do que “adaptar-se”? Quando é que a catástrofe anatómica (vulgarmente designada por «morte») destrói o nível de complexidade do Ser-humano? E destruirá a propriedade interna de reação que novamente permite alcançar o nível “Humano” ou “pós-Humano”?

23.5 – Assim sendo, o **Impronuncialismo** define EVOLUÇÃO como um processo contínuo e autónomo em que uma Coisa (n1) programa/comanda outra Coisa (n2); e essa outra Coisa (n2) re-programa/comanda uma terceira Coisa (n3) diferente das

anteriores; e assim sucessivamente (nN). É a este processo sucessivo e encadeado que chama «evolução». Moreover, the definition of 'EVOLUTION' that we proposed allows the evolution process to be transformed into an executable algorithm by a machine. Which, once again, proves the validity of the definition.

23.6 – A demonstração desta hipótese foi apresentada na Conferência realizada em 3dez2016, na Fundação Engenheiro António de Almeida, a Convite da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPA), e está disponível, com o título “O Corpo em Mutações”, em <https://www.youtube.com/watch?v=U1z9B9FQAU&t=167s>

PAINEL 24: 6 parágrafos

24.1 – O **Impronuncialismo** permitiu redefinir o atual conceito de «Ser-humano». E alterar a atual teoria neo-darwiniana de evolução, introduzindo uma 4.^a Variável (que designou por «Transformação») relativa ao efeito provocado pela autonomia e independência do processamento-programa Interno em relação ao Exterior, quer na Adaptação quer na Variação.

24.2 – O **Impronuncialismo** permitiu romper com o atual conceito científico de Ser-humano, e propôs um caminho para prosseguir a Investigação que não menospreza a parte Física da especificidade humana, que ocorrerá a uma Escala diferente, e a montante da Química e da Biologia.

24.3 – O **Impronuncialismo** pergunta: O Corpo-humano será o Corpo-do-Ser-humano? Que Corpo é o do Ser-humano? Onde está o Ser-humano? Onde está o Corpo do *Dasein*? Onde está o Corpo-do-Ser que habita o corpo-que-age-transforma-e-pensa, vulgarmente designado por “corpo-humano”, que hoje pode ser um robot ou um algoritmo?

24.5 – O **Impronuncialismo** pergunta: Onde está o Ser-humano? Onde está (e qual é) a materialidade (corpo/suporte/coisa) de um Ser capaz de desencadear um processo computacional que interfere e se imiscui na constituição físico-química da Natureza/Mundo retransformando-a; inclusive, capaz de re-construir (através da manipulação dos átomos e das moléculas) toda a materialidade, em que a «cópia» e o «original» são equivalentes? Não será, decerto, um Ser (coisa) que é capaz de estar num lugar (*ubi*) e num estado (*situs*) de algum modo separado dessa materialidade (mesmo que dela faça parte)? Que Corpo/Suporte/Materialidade/Coisa será (poderá ser)? Qual é a materialidade capaz disso? O que se poderia perder/prescindir do atual corpo anatómico/bioquímico/molecular sem perder essa capacidade?

24.6 – O **Impronuncialismo** chama a atenção para o facto de Descartes não ter dito que o pensamento não tinha Corpo (materialidade); disse apenas que o Corpo-do-Ser-humano era aquele onde estava a capacidade-de-pensar-e-de-duvidar. Mesmo que o próprio Descartes não tenha consciência disso. O **Impronuncialismo** permite formular a seguinte hipótese: «Se existir a 4.^a Variável no modelo que explica a evolução biológica, então, também existirá uma 4.^a Força no atual Modelo Standard da Física, isto é, mais uma além dos três vectoriais: Fotão (Y), Gluão (G), e Bosão (W)».

[Pedro Manuel-Cardoso, 2018, “*IMPRONUNCIALISMO: o que é, onde está, o que persegue, o que muda no pensamento e no fazer humano?*”, Debate-Exposição no Jardim Botânico e Oficina Žylčch, Lisboa, 23abril2018]